

PORTO DA PALHA: PERCEPÇÕES E IMAGENS ESTRUTURANTES DE CONDIÇÕES DE (IN)SUSTENTABILIDADE

Maria das Graças da Silva*

Resumo: Síntese de uma discussão teórico-metodológica suscitada por percepções e imagens que são estruturantes das condições locais de (in)sustentabilidade socioambiental e cultural, em face da intervenção do poder público ou sua ausência, o texto analisa a organização social do espaço, aspirações e necessidades locais. Orienta-se pela seguinte questão: Que recursos, aspirações e necessidades conformam a construção das representações sociais de (in)sustentabilidade socioambiental e cultural do Porto da Palha? Este caso foi estudado por meio de realização de entrevista semi-estruturada e de observação participante, utilizando-se como recurso adicional a etnofotografia. De forma geral, identificou-se uma classificação social e espacial em dois extratos socioespaciais justapostos naquele território: a parte mais visível configurada pela dinâmica urbana; e a parte mais invisível formatada pelo espaço ribeirinho. As significações que distinguem o Porto da Palha como uma das unidades territoriais no conjunto da Orla de Belém e conformam sua identidade territorial, são construídas concomitantemente pela cultura urbana e pela cultura ribeirinha. Enquanto ambiente urbano, uma das apreensões feita pela percepção externa é sob o ângulo da segregação. Por essa perspectiva, a figura do sujeito que nele está inserido, muitas vezes é confundida com tipos sociais “marginais”, como o “pivete”, o “malandro”, o “perigoso”. Trata-se de uma imagem negativa construída por um olhar que vem do exterior. Percebido pelo olhar externo como um ambiente urbano que se constitui às “margens” da cidade, sob o olhar dos sujeitos que fazem dele seu espaço de ser e estar, o ambiente é portador de vários significados construídos por eles mesmos. Da espacialidade conformada pela entrada da feira, sua dimensão estritamente urbana, até o trapiche, cultura material que media as relações com a vida ribeirinha, forma-se um mosaico inscrito pelas diferentes formas de uso do espaço, que combinam lógicas diversas e imagens de diferentes paisagens. A imagem de um mosaico retrata a idéia de multiculturalidade inscrita nas formas de apropriação e uso daquele território. Os espaços se tocam e se interpenetram, e se encontram de forma contígua. Algumas imagens fazem parte do imaginário belenense, outras estão registradas na mente dos que fazem daquele espaço sua arte de vida cotidiana. O trapiche, por exemplo, configura-se como uma imagem estruturante de um processo lógico de orientação espacial para quem chega e para quem sai pelo rio, ou para quem deseja adquirir “produtos ribeirinhos”. Essas singularidades locais têm sido objeto de interpretações heterogêneas e estão inscritas em políticas municipais, na literatura específica, no imaginário popular: o Porto configura-se como um espaço de “liberdade” popular; como objeto de saudade nas canções ou como lembranças registradas no imaginário do compositor. Dentre a diversidade de imagens, evocadas sucintamente pelos diferentes sujeitos entrevistados, a qualificação de um lugar de “tradição urbana”.

* Socióloga, Doutora em Planejamento Urbano e Regional (UFRJ), Pós-Doutoramento em Sociologia Ambiental (ULisboa/PT), Professora do programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação e Meio Ambiente (GRUPEMA) Vinculado ao CNPq, Pesquisadora na área de Planejamento Territorial e Meio Ambiente. Email de contato: magrass@gmail.com

O texto que ora socializo tem como base, uma pesquisa sobre a Orla de Belém, cujo recorte espacial delimitou o Porto da Palha como objeto do estudo, além de revisitar estudos sobre planejamento territorial. Trata-se do Projeto acadêmico denominado “Educaorla: iniciando as pegadas”, desenvolvido em 2005 e 2006, com alunos do curso de Ciências Ambientais, do CESUPA. Em 2008, diante do anúncio das obras do projeto do governo municipal, retornei à área da pesquisa para atualizar informações.

No decorrer destes últimos anos vários estudos foram realizados na Orla de Belém¹, incluindo o Porto da Palha como objeto desta reflexão. No entanto, ao privilegiar a dimensão sociocultural desse espaço, como objeto de análise, de certa forma diferencia-se em parte das abordagens até então feitas sobre aquele território. Ainda assim, alguns estudos foram tomados aqui como referências. Mesmo porque qualquer objeto de estudo e/ou reflexão é sempre uma construção, o que demonstra que um mesmo território ou tema pode ser tratado por diferentes perspectivas empírico-teóricas.

Problematizo tramas, relações e processos que conformam condições socioambientais, práticas e representações territoriais dos atores sociais que fazem dos espaços do Porto da Palha um lugar de ser e estar.

O texto faz uma discussão teórico-empírica suscitada por percepções e imagens que são estruturantes a partir do ponto de vista dos atores locais das condições locais de (in)sustentabilidade socioambiental e cultural que conformam as representações daquele território. Procura dar conta, ainda que de forma exploratória, da organização social do espaço, das aspirações e necessidades locais. Nessa perspectiva, tem como questão-problema a seguinte pergunta: Que percepções, aspirações e necessidades qualificam o discurso dos sujeitos locais sobre as condições socioambientais e culturais do Porto da Palha?

Por essa perspectiva, o texto visa refletir sociologicamente sobre as implicações socioambientais e mesmo políticas (ao nível da intervenção ou ausência dela pelo poder público) sobre os processos de estruturação de formas de percepção da condição ambiental e respectivos níveis de satisfação local pelos diversos sujeitos que fazem uso daquele espaço. Portanto, procuro examinar as suas singularidades e heterogeneidades

¹ Dentre outros, Trindade (2005, 2008); Acevedo (2005), Beltrão e Rodrigues (2005).

socioambientais e culturais, na perspectiva de contribuir, ainda que localizadamente, com análises sobre a orla fluvial de Belém.

1. INICIANDO PEGADAS, IDENTIFICANDO CAMINHOS: ENTRE O PRÁTICO E O SIGNIFICADO

1.1 Notas para caracterizar do Porto da Palha

A densidade demográfica é uma das características daquela pequena fração de espaço construída nas entranhas da rua Bernardo Sayão, no bairro da Cremação, nas confluências da Rua Padre Eutíquio e José Bonifácio. Localizado às margens do rio Guamá, onde escoa a foz da bacia do rio Guamá e banha a cidade ao sul, o Porto da Palha se materializa por meio do funcionamento de uma feira, um porto que funciona como entreposto de embarque e desembarque de pessoas e produtos como, açaí, palha, madeira, farinha, carvão, dentre outras coisas. A feira é formada por pequenas barracas de madeira, que formatam um mix de comercialização de diversos produtos, que se associam a pequenas estâncias de aparelhamento e venda de madeiras, a ambulantes de “última hora”, aos ribeirinhos, que desde as primeiras horas da manhã se aglomeram no pequeno trapiche oferecendo produtos por eles produzidos ou coletados no rio ou na floresta, como o camarão regional *in natura*, o açaí, farinha de mandioca, carvão vegetal, peixe em “cambadas” e outras frutas, dependendo da época do ano.

Formado por uma pequena rua principal que liga a entrada da feira até o porto, que tem pouco mais de 500 ms, estabelece comunicação com a cidade via Av. Bernardo Sayão, uma das vias que liga o Campus da Universidade Federal do Pará (UFPA) ao centro da cidade, e com as comunidades ribeirinhas via orla do rio Guamá, parte sul.

Essa parte da orla formatada pelo Porto da Palha, configura-se como uma pequena fresta de contato com o rio. É composta de um tecido denso do qual fazem parte além do trapiche, algumas vielas e becos, que se opõe ao aspecto mais aberto e exposto das ruas frontais e do rio. O conjunto dos espaços dá uma configuração paisagística singular em que se soma o rio (barcos, água), ruas (transeuntes, carros, caminhões, ônibus, fábricas, carroças, fábricas...). Cada setor ocupa e soma na formatação de um mosaico heterogêneo, e atribui sentido à cartografia e à história daquele território. A categoria território inscreve a análise do Porto da Palha como uma fração do espaço culturalmente demarcada.

Tomo a categoria “redes de sociabilidade” que são tecidas como apoio para poder pensar o Porto da Palha no contexto mais global na cidade de Belém e suas interrelações com o mundo ribeirinho e ilhéus amazônida.

O pressuposto é de que o Porto da Palha não apenas pensa a si mesmo, como também pode ser pensado como espaço de uso coletivo, de interlocução e interação com o mundo ribeirinho e insular. Essa dinâmica está expressa e inscrita em uma série de relações que estabelece com o rio e com a cidade, por meio de formas de apropriação e uso diferenciados.

O mundo ribeirinho está significado no interior da feira por meio de duas imagens que expressam bem as raízes ribeirinhas daquela espacialidade da orla de Belém: logo na entrada uma barraca com “mantas” de pirarucu seco, uma espécie de peixe tipicamente amazônida, cujo consumo salgado, que recebe tratamento similar ao dado ao bacalhau, faz parte da cultura alimentar dessa região; e, no final da entrada principal, o trapiche de madeira que serve de entreposto e, ao mesmo tempo, de espaço de interlocução com ilhéus e ribeirinhos.

Essas imagens servem de referências e constroem processos mentais que indicam e/ou identificam os caminhos daquele território. A barraca que comercializa pirarucu, localizada logo na entrada da feira é uma referência espacial e cultural de que estamos iniciando nossas pegadas no Porto da Palha. O trapiche, por sua vez, serve como orientação diária para consumidores e ribeirinhos que ali aportam deixando seus “barcos parados”, enquanto tecem suas redes de sociabilidade, seja por meio da comercialização dos seus produtos, seja através do consumo de outros produtos e serviços que não dispõem nos seus lugares de origem. Dessa forma, o trapiche configura-se como um lugar de encontro, de partida e de chegada.

Na espacialidade entre a barraca de comercialização de pirarucu e o trapiche forma-se um mosaico inscrito pelas diferentes formas de uso do espaço, que conforma lógicas e imagens que constituem diversas paisagens. A imagem de um mosaico retrata bem a idéia da multiculturalidade que está na base das formas de apropriação e uso daquele território. Os espaços se tocam e se interpenetram e se encontram de forma contígua.

Algumas imagens do Porto da Palha são mais gerais e já estão registradas no imaginário belenense, outras estão apenas na mente daqueles que fazem daquele espaço sua arte de vida cotidiana. O trapiche, por exemplo, configura-se como uma imagem

estruturante de um processo mental de orientação espacial para quem chega e para quem sai pelo rio, ou para quem deseja adquirir “produtos ribeirinhos”.

1.2 Condições socioambientais na percepção dos sujeitos

Neste trabalho, a categoria ambiente configura-se como cenário de relações e interações de múltiplos atores sociais, que por meio de suas estratégias discursivas movimentam-se e desenvolvem práticas sociais e ações que variam no tempo e nas diversas espacialidades que conformam aquela territorialidade. As espacialidades por sua vez são “o efeito produzido pelas operações que orientam, circunstanciam, temporalizam e levam a funcionar em unidade polivalente de programas [muitas vezes] conflituais” (CERTEAU, 1994).

Assim, as condições socioambientais do Porto da Palha estão inscritas na dinâmica das práticas imediatas que movimenta aquele pequeno espaço da orla de Belém, nos modos de uso e apropriação dos atores sociais que nele atuam, ou por ele passam.

Durante o trabalho de campo foi possível documentar por meio de recursos fotográficos, de registros de percepções de atores locais e dos próprios discentes que faziam parte da pesquisa, diversos cenários que revelavam uma série de situações e/ou problemas socioambientais, uma das quais dizem respeito ao fato daquele território não ser dotado de qualquer tipo de drenagem. Essa situação é bem visível quando chove, devido aos alagamentos e poças d’água que se formam não só na rua principal da feira, como nas vielas e becos. No período chuvoso a situação foi indicada como bastante crítica porque a maioria dos espaços fica com lama, o que dificulta não só a mobilidade dos diversos usuários, como também se reflete nas condições sanitárias das atividades ali praticadas.

Os atores entrevistados reclamam por um sistema de drenagem e asfaltamento que percebem como necessário à melhoria das condições socioambientais daquele território. Informações locais dão conta de que, como tentativa de amenizar a situação, é jogada a serragem das duas instâncias de madeiras lá instaladas, o que acaba muitas vezes por gerar mais poluição e comprometimentos ambientais.

Quanto à coleta dos resíduos sólidos, alguns feirantes informaram que devido esse serviço ser quase inexistente no local, parte significativa do lixo acumulado é jogado no rio. É perceptível o descaso tanto das políticas de governo como dos usuários e feirantes quanto ao acondicionamento e destino do lixo.

O destino mais imediato para o lixo é o rio: basta olhar para debaixo do trapiche para ter-se uma idéia do agravamento dessa situação socioambiental. Assim, um dos usos mais freqüentes, além, claro, de ser utilizado como via fluvial que assegura acesso e circulação de pessoas e mercadorias, o rio Guamá, no trecho do Porto da Palha, serve também de depósito de lixo e banheiro público. Essa forma de uso cotidiano do rio já foi naturalizada, o que contribui sobre maneira para o processo de contaminação das águas e de outros recursos aquáticos.

2 O Porto da Palha: Ambiente Urbano Mediado pela Cultura Ribeirinha

As significações que distinguem o Porto da Palha como uma das unidades territoriais no conjunto da Orla de Belém e conformam sua identidade territorial são construídas concomitantemente pela cultura urbana e pela cultura ribeirinha.

Enquanto ambiente urbano, uma das apreensões feita pela percepção externa é sob o ponto de vista da segregação. Por essa perspectiva, a figura do sujeito que nele está inserido muitas vezes é confundida com tipos sociais “marginais”, como o “pivete”, o “malandro”, o “perigoso”. Trata-se de uma imagem negativa construída por um olhar que vem do exterior, como uma condição social imposta, e que muitas vezes chega a comprometer a dinâmica daquele território como espaço de movimentação, dado o estigma de lugar perigoso.

A compreensão sociológica desse espaço percebido como “liminar, marginal” pelo olhar externo, possibilitou perceber que na periferia da realidade social da cidade, atores sociais anônimos protagonizam formas de ser e estar que dão sentido a várias territorialidades que se superpõem e se complementam.

Assim, percebido pelo olhar externo como um ambiente urbano que se constitui social e fisicamente às margens da cidade, sob o olhar dos sujeitos que fazem daquele território seu espaço de ser e estar, o ambiente é percebido como portador de vários significados construídos por eles mesmos, que pode ser apreendido como espaço histórico, multicultural e de conflitos.

Para Park (1979, p.121) “é a segregação em si que tende a facilitar a mobilidade dos indivíduos”. Segregação sim, mas enclave é uma representação que não se aplica no caso do Porto da Palha, por que ele dialoga com o seu entorno, e interage de forma imediata com o rio. Esse diálogo dinamiza as práticas socioculturais que lhe são inerentes. Sua heterogeneidade social e cultural dá conformação para suas singularidades.

As singularidades locais têm sido objeto de interpretações, muitas vezes, homogeneizadoras por políticas municipais; na literatura específica; no imaginário popular, o Porto configura-se como um espaço de “liberdade” popular. Nas letras de músicas, aquele território tem sido cantado como espaço que retrata saudades ou lembranças que permanecem registradas no imaginário do compositor.

Neste sentido, o Porto da Palha é percebido também como um espaço poético, na medida em que se constrói em memória e se constitui em marcas de identidade.

Em tempos mais recentes, nova significação começou a ser propagada; trata-se do discurso culturalista e político, o de modernização da orla. Os que lá trabalham, ou que com o Porto interagem diariamente, como é o caso dos ribeirinhos e ilhéus, porque desenvolvem um sentimento de apego ao espaço, consideram que precisam ser considerados porque eles se percebem como os sujeitos construtores e que dão sentido àquele espaço.

Quais são os laços sociais que fundam esse sentimento de apego ao lugar? Como se constrói essa identificação social que toma como referência os nomes do lugar? Esses laços atravessam diferentes imagens e fronteiras sucessivas e constituem-se por meio de encontros em pequenos mundos relacionais que povoam aquele território e que, ao conferirem sentido, constroem uma identificação sociocultural.

O sentimento de pertencimento ou de identidade territorial se reproduz na fala dos sujeitos entrevistados quando se auto-denominam de “feirante do Porto da Palha”; de “ribeirinho”, ou na nomenclatura externa utilizada por políticos e/ou pesquisadores: “povo do porto da palha”, “a comunidade do porto da Palha”.

O Porto da Palha está associado a todas essas imagens que foram evocadas sucintamente no texto acima; e, graças a esse acúmulo de significados, ele está associado à idéia de boêmia, de mobilidade e de pobreza e segregação. E apesar da precariedade estrutural ainda pode ser qualificado como um lugar de “tradição urbana” que diálogo com o mundo rural.

Agier (1998) considera que a expressão “tradição urbana” encerra um paradoxo. Ele lembra que Park, um dos fundadores da Antropologia Urbana, opunha a sociedade urbana à sociedade tradicional.

No caso do Porto da Palha numa classificação social e espacial é possível considerar dois extratos socioespaciais justapostos naquele território: a parte mais visível configurada pela dinâmica urbana; e a parte mais invisível formatada pelo espaço ribeirinho.

Esses dois contextos estão entrelaçados por redes sociais, que dão tom à mobilidade e cotidianamente formatam a sua dinâmica socioespacial e tecem processos comunicativos. Essas redes dão um significado próprio para aquela unidade territorial da Orla de Belém, e configuram um mundo relacional cujos matizes são culturais.

2.1 Aproximações relacional e cultural nos processos de sociabilidade

Para Agier (1998), a ordem relacional coloca em relação indivíduos por meio de laços, de linguagem ou de valores de relações. No Porto da Palha essa ordem é constituída por meio de diversas formas de sociabilidade. As relações familiares são uma componente importante na construção daquele território, na medida em que ter um “ponto” comercial naquele espaço foi, na maioria dos casos, obtido graças à intermediação familiar. Grupos sociais formam grupos de pares, é o caso dos ribeirinhos, considerados como “vendedores de última hora” e concorrentes locais, em alguns casos, mas, também, consumidores de muitos produtos que são comercializados nos “pontos” da feira. Dessa forma, contribuem para a dinamização e circulação das “mercadorias”.

Nessa ordem relacional, a cultura ribeirinha dá o tom aos processos de trocas cotidianas no Porto da Palha. Às relações comerciais soma-se uma série de laços de amizades, considerações e/ou parentesco. Em alguns casos, este termo é usado de forma generosa. É comum ouvir-se naquele espaço o uso de termos como “irmão”, “parente”, trata-se de formas de nominar e que funcionam como um código de chamamento entre conhecidos e amigos.

Além dos pequenos comerciantes, dos ribeirinhos, outros atores sociais estão presentes na dinâmica cotidiana do Porto. Trata-se de indivíduos que ocupam os lugares mais baixos da estratificação social local, formam extratos sociais populares que se reproduzem por meio de práticas sociais como a mendicância, reparação de carros, carregadores etc. A posição dessas pessoas na estrutura das relações sociais do Porto e da feira é vista, de um lado, por uma lógica de classificação, na qual elas estão representadas por uma condição social muito desvalorizada, consideradas pelos outros trabalhadores do Porto e/ou usuários como segmentos negativos, que carregam consigo o estigma de indivíduos temerosos e/ou rejeitados. Por outro lado, a sua integração ao sistema social local é construída a partir de redes pessoais. Os “favores” que recebem asseguram sua reprodução social.

Por meio dessas práticas sociais, esses atores sociais se manifestam na vida de todo dia, errantes e sem certezas no amanhã, travam lutas contra múltiplas misérias e condições de insustentabilidade da vida. Formam uma paisagem desbotada que contraria os padrões da estética urbanística, tão cara para alguns segmentos de classes sociais.

3. Trapiche: redes de relações entre o rural e o urbano

Entre o sonho e o sono, a partir das primeiras horas da manhã é comum, cotidianamente, a cena de uma movimentação expressiva no trapiche do Porto da Palha. Ribeirinhos e ilhéus vindos de ilhas e rios próximos de Belém chegam trazendo sua pequena produção, ou em busca de serviços que não dispõem nos seus lugares de origem. No aglomerado de pessoas, usuários e/ou pequenos comerciantes disputam espaços e produtos, cujos preços variam de acordo com a lógica de mercado, ou seja, a lógica da oferta e da procura, e nunca por relações de justiça e igualdade, contrapondo-se à idéia de que o homem é o senhor de sua própria história.

Nas diversas oportunidades que estivemos realizando o trabalho de campo, conversamos com alguns ilhéus que estavam chegando ou retornando para seu mundo ribeirinho.

Por meio das entrevistas os ribeirinhos revelam que, mesmo estabelecendo relações cotidianas com a dinâmica da cidade, suas referências não são urbanas. Mesmo assim, indicam interesses por certas dinâmicas que se difundem na cidade, como, por exemplo, o crédito das lojas, outros meios de transportes, as políticas de saúde e educação, que são percebidas e avaliadas pelos sujeitos entrevistados como de melhor qualidade.

Seu Raimundo, um ribeirinho com quem conversamos, diz que “um dos fatores que os torna mais pobres é o fato de na beira não ter tanto açazeiro como no resto da ilha”. Às vezes, eles são subcontratados por quem tem terrenos maiores. Em geral, ganham R\$3,00 por uma rasa de açaí num dia, a mesma que, na entressafra, é vendida pelo patrão por R\$30,00.

Suas narrativas indicam que as condições adversas que enfrenta tornam o seu cotidiano um viver o presente, porque a busca da reprodução acaba pautando-se por uma lógica do aqui e agora, numa luta constante para a quebra de interditos. Ou como Martins (2008), para quem “a vida cotidiana se tornou um refúgio para o desencanto de

um futuro improvável, de uma História bloqueada pelo capital e pelo poder. Viver o presente já é uma consigna”.

Algumas mulheres entrevistadas informaram que as meninas que moram no Igarapé do Combu, por exemplo, raramente se envolvem na extração do açaí, principal atividade econômica da ilha, mas que é fundamentalmente masculina. Essas mulheres avaliaram que se dedicam aos serviços domésticos, “porque não há muita escolha para os que estão vivendo na beira do rio Guamá, é lá que estão segregados os moradores de mais baixa renda”. Algumas famílias, informam, ganham e vivem com menos de um salário mínimo por mês. Deformados seus sonhos de uma vida melhor, elas se juntam aos meninos na pesca e na coleta de cacau nativo, ou na extração do palmito, revelam pensativas.

Seu Raimundo, nosso interlocutor ribeirinho, informou que mora em uma casa toda de madeira, de dois andares, com bastante lixo ao redor e poucos utensílios do lado de dentro. Ela fala ligeiramente como vive cotidianamente:

Os dois mais velhos trabalham e me ajudam muito. Vão e voltam na cidade todo dia. As meninas ficam me ajudando em casa, ‘nadam’ aí mesmo, e pronto, vivo assim. O mais novo vai pra escola onde gosta muito de ir e é muito querido pelas professora. E assim eu vô vivendo! Como Deus quer! Explica seu Raimundo.

Por meio de seus relatos, seu Raimundo evidencia que a atividade da extração do açaí é uma prática extrativista que passa de pai para filho. A maior dificuldade apontada por nosso interlocutor é embarcar quando a maré está baixa, o que fortalece a idéia de que a dinâmica ribeirinha é condicionada pelo fluxo das marés.

A única opção de lazer que as comunidades ribeirinhas dispõem, para os meninos é o futebol, quando a maré está baixa, “jogam todos os dias”, com exceção dos períodos de chuvas intensas, o denominado inverno regional, que, em geral, vai de dezembro a junho. Nesse período, de, aproximadamente, seis meses, os “campos” ficam completamente “encharcados”. A pesca, que é uma das atividades restrita ao sexo masculino, é praticada como fonte de renda ou subsistência, “também pode ser uma boa diversão”, revela um dos jovens entrevistados. Uma quadra polivalente de esportes na ilha é o sonho da maioria dos jovens ribeirinhos com quem com conversamos. Trata-se de um imaginário onírico alimentado por imagens da dinâmica urbana. Ou um sonho como modalidade de ver a vida, conforme infere Martins (2008), “de interpretá-la, e ‘método’ do senso comum

eventualmente empregado para estabelecer a ponte entre o mundo do sonho e o mundo da vida cotidiana”.

Esses ribeirinhos fazem parte de um universo social que luta para viver a vida de todo o dia, mas que por não compreender um viver que lhe escapa, às vezes lhe parece destituído de sentido, acaba por atribuir a responsabilidade de sua condição social a um ser superior, Deus. Essa não compreensão pode ser associada àquilo que Martins (2008) considera como:

condições adversas e novas para o fazer história, para que o homem comum se torne agente ativo de seu destino [...], numa sociedade dividida de muitos modos, marcada pela diversidade de tempos que se adiantam e que se atrasam [...].

Outra situação problematizada por alguns ribeirinhos foi a questão da acessibilidade do barco ou canoa no trapiche, principalmente, quando a maré está baixa. Ressaltada, talvez como uma das maiores, trata-se das dificuldades de embarque e desembarque da população das ilhas que trabalha e/ou estuda na cidade, devido às condições do Porto. A falta de uma escada e/ou rampa torna essa prática de embarque e desembarque arriscada, principalmente quando a maré está baixa, o que exige esforço e agilidade física das pessoas.

Dessa forma, a partir do uso do trapiche, estar no rio, usar o rio ou ver o rio não é um exercício de régua e compasso, mas acima de tudo de equilíbrio, porque a espacialidade constituída pelo trapiche não tem nenhum tipo de infra-estrutura capaz de dar suporte a um funcionamento satisfatório do porto e a mobilidade dos indivíduos que chegam e saem em um fluxo constante, principalmente durante as manhãs. Com o desembarque de produtos procedentes das ilhas próximas de Belém, cujos dias são definidos pelos próprios feirantes, o local se torna um emaranhado de lixo e conforma uma enorme desordem.

Outro problema que depõe contra as condições socioambientais do Porto é o sistema de drenagem que é inexistente. Os diversos usuários reclamam do estado de abandono, da falta de organização, de limpeza, e atribuem o descaso às autoridades e a falta de investimento em políticas de saneamento.

Sem nenhuma estrutura, pessoas, animais e produtos entrelaçam-se pelo mix de setores e ambientes. Foi informado pelos entrevistados que o Porto não possui sistema de drenagem sanitária, tampouco infra-estrutura para o armazenamento de produtos vindos das ilhas.

O Porto não tem banheiros suficientes para atender a demanda interna e dos usuários. Apenas no Centro Comunitário e nos boxes de alguns feirantes, como o da comerciante Aziza Gomes da Silva, foi identificada a existência banheiros. Dona Aziza reclamou do descaso das autoridades e questionou o por quê de não se investir no Porto.

A questão do ordenamento do espaço foi outro problema mencionado pelos entrevistados, que em razão da falta de investimento na melhoria da infra-estrutura, o local é mal aproveitado. Esse ordenamento precário do espaço se reflete nas condições ambientais, incluindo não só na ecológica, mas também na condição humana. Por entre as ruelas, boxes e trapiche são visíveis os amontoados de resíduos, dejetos que se constituem do ponto de vista sanitário, um risco para as condições de vida e de salubridade local.

4. Gestão do espaço

O Porto da Palha tem uma Associação Comunitária fundada em 1º de Maio de 1983, pelo Sr. José Sarmento, que oferece serviços médico e odontológico para a população, cobrando uma taxa de R\$ 16,00 (dezesesseis reais) por associado. O titular do plano tem direito a incluir 8 dependentes em sua ficha cadastral. Ao todo são 350 sócios, entre eles pessoas da região metropolitana de Belém e ilhas. O centro não dispõe de uma boa infra-estrutura, para o funcionamento de uma clínica a manutenção é feita pelo dinheiro da taxa que é cobrada aos sócios.

A fiscalização é feita pelo órgão municipal, a SECOM a qual usa como escritório o Centro comunitário, porém os feirantes reclamam do descaso do órgão que nada tem feito pelos feirantes e seus consumidores.

Quanto à segurança do local é feita uma ronda com o carro que identificam pelo número 0509. Alguns pessoas consideram o descaso do poder público também em relação à segurança pública.

5. Apontamentos para pensar as interfaces entre cidade e rio

Rural e urbano são mundos contínuos que guardam nos seus interiores singularidades e particularidades tecidas por dinâmicas e práticas culturais que estão expressas em meio e modos de vida. Nesse contínuo interpenetram-se e distanciam-se.

Dessa forma, a orla tem que continuar a ser pensada a partir das interfaces que significam e dinamizam a relação cidade e rio, embora não pareçam ser esses os fundamentos que informam a política municipal, cujas estratégias fundam-se em dois pilares: a transformação urbanística e a produção de novas paisagens, que buscam reeditar a imagem da cidade, pautada no *slogam* “Metrópole da Amazônia. O modelo anunciado sobrepõe à imagem multicultural da cidade uma imagem funcional, que por não estabelecer prioridades, acaba por banalizar a diferença.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO MARIN, Rosa E; PINTO, Maria R.; MONTEIRO, Érica. Portos e trapiches como espelhos de Belém e das comunidades negras rurais. In TRAINDADE JR. Saint Clair C. da; SILVA, Marcos A. Pimentel (Orgs.) **Belém: a cidade e o rio na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2005.

AGIER, Michel. Lugares e redes – as mediações da cultura urbana. In NIEMEYER, Ana M. de; GODOI, Emília P. de (Orgs.). Para além dos territórios: um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

BELTRÃO, Jane F.; RODRIGUES, Carmem I. In TRAINDADE JR. Saint Clair C. da; SILVA, Marcos A. Pimentel (Orgs.) **Belém: a cidade e o rio na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2005.

BELÉM. **Plano de Reestruturação da Orla de Belém**. BELÉM: PMB, 2001.
CORRÊA, M. T. **Ribeirinhos do Madeira**. Disponível em:
<<http://www.unir.br/~primeira/artigo95.html>>.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 – artes de fazer**. TRad. E.F. Alves. Petrópolis:Vozes, 1994.

MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Contexto, 2008.

NASCIMENTO, M. J. M. **Frutos do açaí e mercado informal**. Belém: UFPA, 1999.

RIEPEER, A. **A economia ribeirinha e os tempos da natureza**. Disponível em:
<<http://www.naveiadorio.fot.br/aeconomiaribeirinhaeostemposdanatureza.doc>>

SILVA, M. das Graças da.; TAVARES, M. Goretti da C. Rio e cidade: fronteiras e proximidades tecidas por culturas, sociabilidades e práticas ambientais. In TRINDADE JR., S. C.; TAVARES, M. Goretti da C. (Orgs.). Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA, 2008.

TRINDADE JR., S. C. **Imagens e representações da cidade ribeirinha na Amazônia:** uma leitura a partir de suas orlas fluviais. Belém: UFPA, 2003 (Mimeo).

TRINDADE JR. Saint Clair C. da; SILVA, Marcos A. Pimentel Orgs.) **Belém:** a cidade e o rio na Amazônia. Belém: EDUFPA, 2005.